

27-03-2023

Ali, babou ... E os 40 ladrões?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Quando meus filhos eram pequeninos eu adorava contar estórias à minha maneira. Quer dizer, ironicamente, eu as transformava de tal forma que era quase surpresa a quem ouvia ou lia. O que já era conhecido adquiria um novo formato, o que literalmente não condiz com as histórias que sabemos hoje no país. Os personagens são basicamente os mesmos, mas os enredos, “cá entre nós”, se me permitem o bordão, não variaram muito. Uma atualizada aqui e ali e os “vilões” e seu *habitus* sempre aparecem - prometo não enveredar para academicismos - continuam os mesmos. O que era rachadinha antes, agora mudou de nome, quem sabe podemos chamar de “conto das arábias”. Mas vamos à estória, que é o melhor que podemos fazer no momento atual. Nossa estória é uma atualização de contos antigos onde de um lado tem um “gênio da lâmpada” e, do outro, um “tapete mágico”, desses que fazem voar tesouros de lá pra cá, e daqui pra lá. É só escolher no menu de ofertas a direção do voo. Em tempos idos um daqueles personagens taciturnos, de perfil relativamente medíocre, é alçado à condição que lhe permite sonhar e transformar seus desejos afortunados utilizando não uma lâmpada mágica, mas o que se conhece hoje como “tráfico de influência”. Algo característico de quem sabe usar um ou mais “fiéis escudeiros” para levar e trazer recados. Nos “tempos” atuais, isso (re)lembra os que se aproximam de poderosos em determinados reinos e, usando “estratégias” costumeiras, fazem-se passar por “gênio da lâmpada”. Ainda que suas digitais sejam camufladas sabe-se lá como (será que não sabemos mesmo?). Para situar a “garotada opinativa”, nossa estória - mera peça de ficção uma vez que a realidade é muito pior e impubescível - se passa em um local cheio de tendas majestosas e gestos grandiloquentes que fazem “corar um camelo”, se é que camelo pode corar de vergonha. Mas “nossos” personagens não fazem a menor cerimônia e conseguem inventar uma estória das “mil e uma noites”, onde os que fazem o trabalho sujo não aparecem porque tem sempre “alguém subjogado para chamar de seu”. Vai pra lá e vem pra cá, entra um e sai outro, e o roteiro é estabelecido em conversas ao pé do ouvido, onde as promessas acabam se tornando um verdadeiro festival de benesses. daquelas de fazer ceder o mercador mais moralista, acostumado a dar um desconto mas nada inclinado a “dar algo de graça”. Até nas “mil e uma noites” de graça vale injeção na veia mas, assim mesmo, só se for a vacina bivalente (inclusive aos marmanjos que escondem a caderneta de vacinação). Entre uma “cantada” e outra sempre há de sobrar algo que possa se assemelhar a negócios, principalmente em contos da carochinha para os que defendem o Deus Mercado. Esse tipo de divindade é venerada mais recentemente por alguns Cheques (claro que não falei de Sheiks). Entre uma noite e outra - já que existem tantas para ir e vir - alguns negócios são encaminhados.

E, como gesto generoso de boa vontade, a estória registra que um poderoso Cheque resolve dar como cortesia uma porção de mimos aos personagens taciturnos que frequentam o “baixo astral”(como os nossos chamam os campings onde estes “negócios de estado” são arquitetados). Entre cifras e códigos (geralmente nomes que os nossos por falta de criatividade aprenderam nas escolas cívicas que frequentaram), sempre se arruma espaço para “um por fora”.

O Cheque aturdido - nem foi necessário chamar seu “gênio da lâmpada” - teve seu ouvido sussurrado com pedido baseado em filme famoso de *Bollywood*. O título de uma música pra lá de antiga - “pedras são para sempre” - serviu de “senha” (*password*). Tudo estava devidamente encaminhado e, junto com camelos (de um lado e de outro), foram deixados de lado os “tapetes voadores”. Os “mimos sussurrados no pé do ouvido” foram colocados em uma surrada mochila - com o tapete mágico essa estória poderia se chamar “Mochileiro das Arábias” - capaz de passar despercebida em histórias de verdade. Em nosso caso é apenas uma estória de mentirinha, qualquer coisa feita por um “traquitana” (tradução: um “sujeito para chamar de seu”) que maloca/acomoda presentes suntuosos em mochilas. Afinal, pensava o traquitana, “em terra de faraó quem tem mochila das arábias é rei”. O problema, dizia meu filho, é que esqueceram de “combinar com zalemão” (gíria que não se refere a nenhum cidadão de outro país, já que isto é uma estória).

A mochila “suja de guerra”, que iria passar despercebida, “esbarrou” num funcionário que devido à origem do objeto adotou o POP (procedimento operacional padrão). Vai que de repente “alguma planta diferente está perdida na mochila e pode representar risco biológico às espécies nativas”. Seguiu-se o diálogo: - *Sr, por favor, coloque a sua mochilinha no RX*, pediu o funcionário padrão. - *Eu? - Sim, o Sr mesmo, é o único que está segurando a mochila bem em frente de mim*, disse, circunspecto. Mochila colocada e o RX revelou algo inesperado para os padrões nativos: não tinha planta, não tinha comida, não tinha bebida, estava era cravejada de pedras. - *Sr, o senhor não declarou que estava trazendo pedras de fora!*, disse o funcionário. - *Mas são recordações do encontro no deserto*, replicou o desavisado ... - *O conteúdo (as pedras e tudo o mais) vai ficar retido porque o senhor esqueceu de declarar ... - Peguei o avião correndo e esqueci ... E agora?* Ouviu que era preciso observar as regras alfandegárias e o conteúdo teria que ser retido. As pedras, por mais preciosas que fossem no deserto, teriam que ser declaradas aqui. Afinal de contas, foi assim que o Pau-Brasil se foi, né mesmo? (penso eu) O rapaz (parecia um rapazola, instruído de última hora) pegou o celular e fez uma ligação (para “seu chefe”, que também tinha outro Chefe) e usando um código, desértico e nada secreto, soltou a pérola ... - *Ali, babou ...* fez-se o silêncio ...

Eu e meus filhos costumávamos batizar a estória sempre no final:

“Ali, babou, mas e os 40 ladrões?”

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.